



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RONALDO DE JESUS NUNES

**REPRESENTAÇÕES DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA DITADURA CIVIL-
MILITAR NO CORPO DISCENTE DO COLÉGIO ESTADUAL ATHENEU
SERGIPENSE (2022)**

SÃO CRISTÓVÃO- SE
2022

RONALDO DE JESUS NUNES

**REPRESENTAÇÕES DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA DITADURA CIVIL-
MILITAR NO CORPO DISCENTE DO COLÉGIO ESTADUAL ATHENEU
SERGIPENSE (2022)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia Costa Cardoso

SÃO CRISTÓVÃO- SE
2022

REPRESENTAÇÕES DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA DITADURA CIVIL-MILITAR NO CORPO DISCENTE DO COLÉGIO ESTADUAL ATHENEU SERGIPENSE (2022)

Ronaldo de Jesus Nunes[†]

RESUMO:

O presente artigo teve como principal objetivo analisar o movimento estudantil (ME) no período da ditadura civil-militar, assim como as representações desse movimento no corpo discente do Colégio Estadual Atheneu Sergipense (CES) na atualidade. Trata-se de investigar a história dos estudantes sergipanos universitários, que atuaram no momento de censura e autoritarismo, e procurar compreender as representações destes estudantes no movimento estudantil do Atheneu nos dias atuais. Em um primeiro momento, procuramos traçar um panorama da instauração do Golpe civil-militar de 1964 e do ano que cristalizou o imaginário social, 1968, para tanto foram utilizados os depoimentos de militantes cedidos à Comissão Estadual da Verdade - Paulo Barbosa de Araújo. Em um segundo momento, analisou-se, através de uma pesquisa de campo, as características que permaneceram e as representações deste ME entre discentes. Desse modo, foram realizadas entrevistas com estudantes do 3º ano do ensino médio. Buscamos também examinar o contexto em que esses movimentos estão inseridos e suas temporalidades. Referente à metodologia, utilizou-se de fontes escritas e orais para análise e discussão, o que possibilitou estudar tempos históricos distintos, mas que se relacionam. Nesse sentido, o estudo visa investigar as representações do movimento estudantil no CES na atualidade.

Palavras-Chave: Movimento estudantil; Ditadura; Atheneu; Representação.

ABSTRACT:

The main objective of this article is to analyze the student movement (SM) during the civil-military dictatorship, as well as the representations of this movement in the student body of Colégio Estadual Atheneu Sergipense (CES) today. It is about investigating the history of Sergipe university students, who acted in the moment of censorship and authoritarianism, and trying to understand the representations of these students in the student movement of Atheneu in the present day. At first, we tried to draw an overview of the establishment of the civil-military coup of 1964 and the year that crystallized the social imaginary, 1968, for which we used the testimonies of militants given to the State Truth Commission - Paulo Barbosa de Araújo. In a second moment, it was analyzed, through a field research, the characteristics that remained and the representations of this EM among students. Thus, interviews were conducted with students in the 3rd year of high school. We also seek to examine

[†] Graduando em História-licenciatura plena pela Universidade Federal de Sergipe. Email: ronaldonunes000@gmail.com.

the context in which these movements are inserted and their temporality. Regarding the methodology, written and oral sources were used for analysis and discussion, which made it possible to study different historical times, but which are related. In this sense, the study aims to investigate the representations of the student movement at CES today.

Keywords: Student movement; Dictatorship; Atheneu; Representation.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo pretende investigar o movimento estudantil no período da ditadura civil-militar e analisar as representações no corpo discente do Colégio Atheneu Sergipense na atualidade. Nessa perspectiva, trata-se de analisar a história dos estudantes universitários sergipanos que viveram e participaram do movimento estudantil nesse período de censura e autoritarismo, bem como procurar entender a representatividade do movimento estudantil no Atheneu nos dias atuais. Para tanto, será dividido em duas partes: no primeiro momento, analisaremos os depoimentos de Wellington Mangueira, Bosco Rolemberg, Janete Correia de Melo, Jackson Barreto e Benedito Figueiredo, cedidos a Comissão Estadual da Verdade “Paulo Barbosa de Araújo” (CEV)², ou seja, entrevistas de militantes que participaram do Movimento Estudantil, durante a ditadura, de 1964 a 1968³. E em segundo, buscou-se compreender a representatividade⁴ do ME no CES, através de entrevistas realizadas com 17 estudantes do 3º ano do ensino médio.

² Instituída pelo Decreto no 30.030/2015, em 7 de julho de 2015, ganhou o nome de Comissão Estadual da Verdade “Paulo Barbosa de Araújo”, para compor esse núcleo de 2 pesquisadores foram reunidos profissionais acadêmicos ligados principalmente à democracia e aos direitos humanos. Dentre os envolvidos estavam o Professor Doutor Josué Modesto dos Passos Subrinho, professora Doutora Andréa Depieri de Albuquerque Reginato (Secretária Executiva), e alguns membros, professora Doutora Gabriela Maia Rebouças, Gilberto Francisco dos Santos, o Doutor Hélder Teixeira Bezerra, o Mestre José Afonso do Nascimento, professor Mestre Gilson Sérgio Matos Reis, estagiários e também uma série de parceiros e voluntários que contribuíram neste trabalho. Essa obra contribuiu para o enriquecimento dos debates acadêmicos sobre a história de sergipanos, sergipanas, brasileiros e estrangeiros que atuaram ou participaram de algum movimento e acabaram sendo vítimas do Estado em Sergipe ou que tenham atingido sergipanos. É possível observar imagens de documentos oficiais e conhecer os órgãos que operaram nesse período. Assim, seu principal objetivo é contemplar alguns eixos temáticos como verdade, memória, reparação, justiça e políticas públicas de garantia dos direitos democráticos, esses são alguns eixos de mecanismo em que a comissão se baseou. VERDADE, COMISSÃO ESTADUAL. PAULO BARBOSA DE ARAÚJO. 2021. Disponível em: https://issuu.com/comissaodaverdadedesergipe/docs/relatorio_final_comissao_estadual_da_verdade_paulo. Acesso em: 11/09/2022.

³ Entrevistas na íntegra. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCU9b4MDg2eTOqUv4_ImIvMw. Acesso em: 09/09/2022.

⁴ Para o arcabouço teórico metodológico do conceito de representação, a pesquisa foi embasada em Roger Chartier (1988) e Pierre Bourdieu, que compreendem tal conceito como construções sociais da bagagem histórica da experiência dos indivíduos, assim as representações são o modo que os grupos sociais e os indivíduos pensam, projetam sua visão, ou seja, fazem suas leituras de mundo.

Em Sergipe, o Movimento Estudantil travou uma luta política dos estudantes articulada a Igreja Católica, principalmente a Juventude Universitária Católica (JUC), pela autonomia política e a criação de uma Universidade no Estado, sendo necessário investigar e analisar esse processo nos primeiros anos da década de 1960 (CRUZ, 2012, P. 9). A União Estadual dos Estudantes Sergipanos (UEES) transformou-se em um grande foco de mobilização social durante esses anos. Com o crescimento populacional e a consolidação das classes médias urbanas, o desejo de ingressar em uma universidade sem ter que se deslocar para outro estado ou país, tornou-se cada vez maior por essa classe. Os estudantes não ficaram parados, eles se mobilizaram para conseguir mais vagas e verbas, lutaram pela expansão das universidades, por maior participação política e melhores condições de vida, além de reivindicarem melhores bibliotecas, espaços de estudos, equipamentos de pesquisa mais modernos, maior capacitação aos professores e auxílios para aqueles alunos com menor renda (REIS, 2008, p.19). Os estudantes tiveram um papel de suma importância nas Faculdades a partir de seus Diretórios Acadêmicos (DA) e Centros Acadêmicos (CA), como também fora desses espaços, debatendo política, economia e cultura, sendo assim necessário analisar o movimento estudantil em Sergipe.

Com a renúncia de Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961, a UEES emitiu uma nota pontuando e condenando os fatores que levaram à renúncia de Jânio. Esse manifesto foi escrito por José Lopes Bragança⁵, no entanto, tal manifesto não foi encontrado por pesquisadores que se debruçaram sobre o tema. Segundo Cruz, "os estudantes não teriam publicitado esse manifesto, pelo menos não antes do dia 29 de agosto de 1961, como consta nos registros da assembleia dos estudantes de Química, da qual os representantes da UEES também tomaram parte" (CRUZ, 2012, P.127-128).

A renúncia de Jânio provocou repercussões em todo país, em Sergipe ocorreram manifestações estudantis de apoio dos que queriam João Goulart como presidente. O prefeito de Aracaju na época, José Conrado de Araújo (1959–1963), fez um pronunciamento para que a população apoiasse a posse de Goulart, o que de certa forma acabou mobilizando as pessoas a irem às ruas. Assim, mesmo com tantas conspirações e um momento de incertezas, em 8 de setembro de 1961 Goulart assumiu a presidência da República e logo, a UNE emitiu uma nota dizendo o que esperava de Jango (COMISSÃO DA VERDADE, 2021):

⁵ BRAGANÇA, José Lopes. Sergipe por um óculo. Belo Horizonte: Carneiro e Cia, s/d, pp. 90-91.

1. Um Governo Popular firme e decidido a atender aos interesses das classes trabalhadoras, apoiando-se em suas reivindicações e em sua luta pela Justiça Social.
2. Um Governo apoiando (sic.) não em grupos econômicos e na burguesia internacional, mas no povo brasileiro que o garantiu e o garantirá no exercício pleno de seus direitos presidenciais.
3. Governo livre trabalhando por um Brasil livre de pressão dos grupos internacionais, do colonialismo, por um Brasil soberano e autodeterminado [...].

BRASIL! R.G. SUL 2-9-61 (UNE, 1961).

Na noite do dia 31º de março para a madrugada de 1º de abril ocorreu no Brasil a instauração da Ditadura civil-militar. Vale ressaltar que uma grande parcela da sociedade apoiou o golpe, tendo assim a participação dos civis, em Sergipe houve participação da sociedade civil na “Marcha com Deus pela Liberdade”, esse movimento foi organizado principalmente pela Igreja católica, visando livrar o Brasil do comunismo (CRUZ, 2012, P.220).

Quando as informações do golpe chegaram a Sergipe, na noite de 31 de março de 1964, alguns integrantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), como militantes, estudantes, sindicalistas e trabalhadores se reuniram para organizar possíveis ações. Entretanto, em 1 de abril chegaram tropas da 6º Região Militar vindas de Salvador para reprimir qualquer ação contrária ao golpe, essas tropas ocuparam a cidade de Aracaju e também os interiores. Com essa medida os estudantes, sindicalistas e militantes ficaram sem poder resistir ou fazer qualquer movimentação contrária ao golpe (COMISSÃO DA VERDADE, 2021, p.139). Com o golpe de 31 de março de 1964 no Brasil, uma das primeiras medidas dos defensores do novo regime foi colocar fogo na sede da União Nacional dos Estudantes (UNE)⁶. Com o aumento das perseguições políticas e a legitimação da censura imposta pela direita golpista, o movimento estudantil de Sergipe entrou na clandestinidade e, posteriormente, iniciou-se um processo de reorganização.

Nesse sentido, o presente artigo visa analisar a luta e resistência do movimento estudantil em Sergipe e as representações estudantis no CES, através de fontes escritas e orais, buscando compreender esse movimento e a memória coletiva dos militantes que resistiram à ditadura. Procurando traçar um panorama das ações realizadas e de seus desdobramentos, bem como refletir a respeito de como os estudantes sergipanos participaram da reorganização do ME, até

⁶ Segundo Mauricio Quadros (2015), a UNE surgiu em 1937 e logo em seguida, foi realizado o primeiro Congresso acompanhadas das primeiras manifestações, tudo isso ainda no Estado Novo. E sua reorganização ocorreu principalmente devido à forte atuação da juventude do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

o ano de 1968, ano que cristalizou o imaginário social em todo país e como na atualidade está sendo representado esse movimento no Atheneu.

2. O movimento estudantil enquanto uma categoria social

De acordo com Dal Ri (2009), os movimentos sociais podem ser divididos em três tipos diferentes: 1 - tradicionais: o movimento operário-popular, partidos, sindicatos, o Movimento Estudantil, 2- e os mais recentes, o movimento feminista, étnico-raciais, direitos humanos, ecológicos, etc. E 3- os novos, movimentos dos trabalhadores rurais sem-terra, sem-teto, dos indígenas, desempregados, de bairro e trabalho associado.

Os movimentos sociais tradicionais visam promover a luta de classes contra a burguesia dentro de cada país, mas existem diferenças teóricas, estratégicas e táticas entre eles. De modo geral, o processo de mobilização começa com pequenos grupos de intelectuais e ativistas, e com campanha educativa e organizativa. Esses movimentos foram e são reprimidos pelo governo, especialmente pelo exército. Segundo Wallerstein (2003)⁷, durante o amadurecimento desses movimentos, muitos pesquisadores e militantes deixaram de confiar neles como impulsores da revolução socialista, bem como deixaram de confiar nos Estados como mecanismos de transformação. Os estudantes não são a base de um movimento social, mas podem tornar-se um elemento básico de um movimento desta natureza, a partir dos temas que propõem e das alianças que fazem com a política ou com os sindicatos.

O ME é conceituado na literatura como um movimento de classe pluralista com pequenas características burguesas, pois além da formação de classe dos alunos, principalmente da classe média urbana, o conteúdo que os estudantes defendem é geralmente corporativista e visa quase sempre o seu futuro profissional. Desse modo, a origem de classe é muito instrutiva para a compreensão deste problema. Não podemos dizer que os estudantes de classe operária são equivalentes aos alunos burgueses ou pequeno-burgueses, porque suas condições materiais são diferentes. No entanto, podemos dizer que existem alunos, sob o modo de produção capitalista, alienados de seu processo de formação e do seu poder de decisão na produção do conhecimento.

A decisão de como o ME atuará para determinar o seu processo de formação e direcionamento educacional perpassa pelas questões da classe. O que é decisivo, entretanto, é a natureza das reivindicações, que se dividem em duas tendências sociais principais: uma

⁷ ROJAS, C.A. Immanuel Wallerstein: Crítica del Sistema-Mundo Capitalista, Ediciones Era: México, DF, 2003.

democrática e relacionada à classe social explorada, a outra relacionada à reprodução dos interesses da classe proprietária. As concepções teórico-práticas de participação e de educação são permeadas pela disputa dessas tendências no interior da universidade.

[...] todas as lutas históricas, quer se processem no domínio político, religioso, filosófico ou qualquer outro campo ideológico, são na realidade apenas a expressão mais ou menos clara da luta de classes entre classes sociais, e que a existência, e, portanto, também os conflitos entre essas classes são, por seu turno, condicionados pelo desenvolvimento de sua situação econômica, pelo seu modo de produção e pelo seu modo de troca, este determinado pelo precedente [...]. (ENGELS, F. 1997, p. 18).

Portanto, podemos conceituar a forma plural do ME como um movimento estudantil, mas o fato de ser policlassista é uma parte inerente de sua constituição no interior da sociedade de classes. Desse modo, embora a história do ME seja marcada por laços estreitos com partidos operários e sindicatos, com o objetivo de alcançar a revolução, às vezes tem nuances diferentes e/ou opostas, como visto pelos estudantes nazistas ou relacionados à ditadura. No entanto, de um modo geral, o ME atua como manifestante e está associado à luta pela defesa dos direitos dos trabalhadores e contra a ditadura civil-militar. Além disso, a luta pela autonomia universitária e pela participação na sua gestão é um dos requisitos que permeiam a história do ME desde o antigo sistema.

Para compreender o movimento estudantil atual é importante partir de um pressuposto que é um movimento caracterizado essencialmente pela sua pluralidade. E partindo do eixo que o cotidiano e a condição estudantil de cada grupo podem se potencializar e se expressar de acordo com a dinâmica de cada grupo. O ME, principalmente depois do início do século XXI, passa a sofrer várias influências de temáticas e tendências dos movimentos sociais. Nessa perspectiva, passa a ter uma maior autonomia no sentido de que não se limita às organizações de movimentos estudantis formais⁸.

Observa-se que os conflitos de interesses e ideologias dentro das entidades acabam afastando os movimentos estudantis de sua maior representação, a UNE. Percebe-se que eles procuram agir conforme a dinâmica de interesses próprios (MESQUITA, 2003, P. 4). Segundo Foracchi (1977), “não se pode compreender sociologicamente o movimento estudantil apenas em função das posições defendidas pela sua vanguarda”, assim é importante analisar como ocorre a

⁸ MESQUITA, Marcos Ribeiro. Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. *Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]*, 66 | 2003, publicado a 01 de outubro 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1151>. Acesso em: 24/09/2022.

comunicação entre a organização e sua base para entender como suas decisões se relacionam com as suas reivindicações. Nesse sentido, atualmente o que existe são movimentos estudantis com características próprias e interesses de acordo com as pautas e demandas que surgem.

3. Luta e resistência: o movimento estudantil em Sergipe e os depoimentos da Comissão Estadual da Verdade

Quando instaurado a ditadura civil-militar no Brasil, Seixas Dória era o atual governador do estado de Sergipe. Eleito democraticamente, Seixas Dória foi preso em 2 abril de 1964 no Palácio Olímpio Campos, em Aracaju, e levado para o 19º BC (Batalhão de Caçadores), em Salvador. Sua deposição só foi oficializada em 4 de abril, sob a justificativa de que Dória fazia parte de forças extremistas e antipatrióticas, sobretudo por ser um defensor das reformas de base propostas por João Goulart. Posteriormente, foi exilado em uma ilha em Fernando de Noronha, passando assim em média cerca de nove meses confinado desde o início de sua prisão. Durante os 4 meses preso em Fernando de Noronha manteve contato apenas com o governador, também deposto de Pernambuco, Miguel Arraes. Para Seixas Dória, todos esses atos foram inexplicáveis, e tais medidas surpreenderam (CARDOSO, 2015, P. 120). Segundo relato de Janete Correia, ex-aluna do Colégio, a sua rotina escolar foi alterada nesses dias,

Eu fui dormir, acordei mais cedo do que todo mundo e fui para a escola, quando eu chego na escola vi minha amiga dizendo volta para casa, volta para casa, não, vou pra aula, eu não perco aula, continuei, e não vi ninguém, a rua vazia, não via nada, eu falei vai ter aula não, mas não estou vendo ninguém indo para aula aí quando eu via um outro estudante, o estudante sumia e tal. Encontrei a diretora do colégio na época, gritando na rua com 2 ou 3 estudantes, todo mundo para a escola e eu me escondi numa casa, e depois conversando com o Paulo ele disse: pois é, o que eles chamaram de revolução era golpe e eles faziam com que todo mundo acreditasse que era tranquilo que tinha que manter a normalidade, mas você fez bem se escondendo⁹.

Com a instauração da ditadura civil-militar, as principais lideranças da União Estadual dos Estudantes (UEES) sergipana foram presas, em depoimento à Comissão Estadual Paulo Barbosa de Araújo, o estudante secundarista Wellington Manguiera, que era presidente do Grêmio estudantil do Colégio Estadual Atheneu Sergipense, disse:

Quando veio o golpe, eu era presidente do Grêmio cultural do Ateneu, onde fui preso, mas não fui torturado. Chega Félix Rodrigues Mendes, diz aos militares, um tal de um tenente Bandeira: Olhe, estes meninos, comigo e Mário Jorge Abelardo (ele não era tão mais velho do que a gente, mas ele gostava de andar de paletó porque ele representava a UBES, União Brasileira dos Estudantes Secundários, ele representava a UBES aqui), ele não tem nada

⁹ CORREIA, Janete. Depoimento concedido à Comissão Estadual da Verdade de Sergipe- Paulo Barbosa de Araújo em 18 de julho de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nuIyMttKm2I>. Acesso em: 24/09/2022.

a ver com isso tudo, fato de que eu fico e ele sai. Não saiu no mesmo dia. Saímos no dia 10 ou no dia 11 de agosto¹⁰.

É nesse sentido que se inicia o processo de reorganização de todos os movimentos que haviam sido paralisados com a instauração do golpe. Um dos primeiros movimentos a se reorganizar é o movimento estudantil Universitário, dentro das próprias faculdades. No entanto, as entidades representativas dos discentes passaram a ter um maior controle através da Lei Suplicy¹¹, a lei foi instituída em 09 de novembro de 1964 por meio do decreto de nº 4.464. Na prática visava subordinar a UNE e dominar seus Diretórios Estaduais de Estudantes (Dees).

A partir de então a UNE, passaria a ser chamada de Diretório Nacional dos Estudantes (DNE), ficaria submissa ao Conselho Federal de Educação e subordinada pelos conselhos universitários de cada estado. Com essa nova lei, os centros acadêmicos e diretórios passariam a receber a nomenclatura de diretórios acadêmicos, com submissão às congregações departamentais da escola ou faculdade que possuíssem vínculo (CRUZ, 2012. P. 229).

As esquerdas tiveram um papel decisivo segundo os historiadores Ângela Muller e Carlos Fico (2009), em sua atuação nos grupos de entidades estudantis. Organizações políticas como a Ação Popular (AP), Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) e a Organização Revolucionária Marxista - Política Operária (ORM-Polop) estavam presentes no ME e muitas vezes, entraram em confronto, formando dois grupos distintos: de um lado, ficava a AP, apoiada parcialmente, pelo PCdoB e PCBR. Em Sergipe, a AP tinha como participantes Bosco Rollemberg e Ana Côrtes do outro, ficavam os partidos ou organizações das dissidências, como o PCB e o ORM-Polop, apoiados por Benedito Figueiredo. Segundo Benedito, 80% tinha ligação ou afinidade com o PCB e apenas 20% com o AP¹².

Essas alianças eram determinadas com base na concepção e objetivos que eles entendiam a respeito da marcha para a tão sonhada revolução brasileira, assim também era analisado as formas como cada grupo político escolhia lutar contra a ditadura civil-militar. Desse modo, a forma de luta do AP, era mais caracterizada pelas lutas de ruas e as denúncias políticas,

¹⁰ MANGUEIRA, Wellington. Depoimento concedido à Comissão Estadual da Verdade de Sergipe- Paulo Barbosa de Araújo em 29 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XNXIgY8vI28>. Acesso em: 15/09/2022.

¹¹ BRASIL. Lei 4.464, de 9 de novembro de 1964. Para mais informações sobre a Lei Suplicy consultar: <https://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lei-suplicy>. Acesso em: 23/08/2022.

¹² FIGUEIREDO, Benedito. Depoimento concedido à Comissão Estadual da Verdade de Sergipe- Paulo Barbosa de Araújo em 29 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1FduHFkd888>. Acesso em: 15/09/2022.

enquanto as do partido de dissidência tinha um viés muito mais de atuação e organização em escolas e universidades. Outrossim, na prática os estudantes não se deixavam levar por nenhum desses grupos e acabavam se moldando, conforme as suas iniciativas estudantis e seus objetivos, ao seu jeito próprio de fazer história (REIS, 2008, p. 35). Nessa perspectiva, a partir de 1965, o ME apresenta múltiplas formas de luta e resistência contra a ditadura (BRITO, 2008).

O ano de 1966 é marcado por uma geração de estudantes que começam a ganhar força, principalmente através da Faculdade de Direito. Conforme Benedito Figueiredo, “ a famosa turma de 1966 que veio marcar realmente a história de Sergipe”. Nessa perspectiva, retomaram a luta pela democracia, se destacaram tanto dentro do próprio estado como fora dele, essas lutas se manifestaram principalmente através de greves, que reuniram integrantes da faculdade como Bosco Rollemberg e sua esposa Ana Côrtes e também integrantes da Faculdade de Medicina, como José Alves Nascimento. Ainda segundo Benedito Figueiredo:

Nós desfilamos pelas ruas de Aracaju e começamos a marcar essa posição e começamos a lutar e começamos nos abrigar e participamos de greves. Eu me lembro. Ocupamos o colégio estadual, a gente sempre através do Diretório. Enfim, mimeógrafo, fazíamos agitações, íamos para a rua, pichava, lutava, e eu sempre participando também a nossa participação sempre foi afetiva¹³.

O ano de 1967 concretizou o tão “doce sonho” de sergipanos e sergipanas de terem uma universidade, com o Decreto nº 269, de 28 de fevereiro de 1967¹⁴, assinado por Castelo Branco criou-se a Fundação Universidade Federal de Sergipe (FUFSE), a tão sonhada universidade, resultado da luta em conjunto entre o movimento estudantil e a Igreja Católica que lutaram desde do início da década para conseguir tal feito (CRUZ, 2012, p 117). O processo de conclusão da FUFSE só ocorreu em 15 de maio de 1968¹⁵. Mesmo a criação sendo um interesse de amplos setores da sociedade, destacaram-se a Igreja Católica, que contava principalmente com o bispo Dom Távora e o movimento estudantil como defensores de sua criação. É nesse contexto que o ME ganha mais força. Em depoimento de Jackson Barreto a CEV:

E aí nós tivemos uma militância ativa na criação da Universidade, uma participação muito grande na criação da universidade e nesse momento a gente vivenciava a guerra do Vietnã. E era interessante as campanhas que o partido comunista fazia dentro da visão do internacionalismo, de solidariedade aos movimentos da luta do Vietnã. Eu sei que nós fazíamos

¹³ FIGUEIREDO, Benedito. Depoimento concedido à Comissão Estadual da Verdade de Sergipe- Paulo Barbosa de Araújo em 29 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1FduHFkd888>. Acesso em: 15/09/2022.

¹⁴ Decreto completo disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del0269.htm. Acesso em: 11/09/2022.

¹⁵ A CRUZADA. Solenidade de instalação da FUFSE, marco cultural na vida sergipana. Ano 49, Nº 1545, 18 de maio de 1968, p.1.

movimentos até de finanças. Imaginem, para arrecadar fundos para mandar para a guerra do Vietnã, através do partido, vendia medalhas, criava fatos e chegava a fazer um famoso Congresso na faculdade de serviço social de problemas brasileiros, que na verdade não era nenhum problema brasileiro, porque o maior problema do Brasil na época era ditadura¹⁶.

As tentativas de repressão aos movimentos estudantis seguiram-se dentro da universidade. Entretanto, os estudantes tinham um aliado que barrou as punições o quanto pode, o nome dessa figura é João Cardoso, que foi reitor da universidade por alguns anos e conseguiu proteger muitos estudantes. Segundo Jackson Barreto:

[...] companheiros que combatemos a ditadura, que vivemos, aquele movimento daquela situação difícil, todo dia de pressão, de coação, de sair de casa, de não saber se voltava, da notícia de um companheiro que caiu de um que foi preso, que foi torturado, do que morreu. Nós sabemos a notícia através dos movimentos clandestinos, todos e João Cardoso recebeu pressão do comandante da sexta região militar para que, com base no decreto 477, expulsasse da universidade 19 estudantes. Esses estudantes eram Jackson Barreto, Wellington Mangueira, João Augusto Gama, Benedito Figueiredo, Francisco Nascimento Varela, Moacir Motta, Dilson Barreto, Antônio Vieira, Antônio Jacinto, Tina, Janete Correia de Mello, Laurinha Ribeiro. O doutor João Cardoso não aceitou, inclusive dizendo ao general comandante da sexta região, eu não vou¹⁷.

Na época o Jornal Gazeta de Sergipe¹⁸ noticiou esse congresso, em síntese a manchete informava que foi realizado pelos estudantes sergipanos no auditório de Serviço Social, da Universidade Federal de Sergipe, um seminário para discutir os problemas sobre os estudantes e também sobre a realidade brasileira, principalmente a respeito da política educacional¹⁹. Entretanto, nada tinha a ver com os problemas brasileiro, pois o maior problema do Brasil, como afirmou Jackson Barreto, era a ditadura. O cenário de reorganização do movimento estudantil vinha sendo redesenhado desde do golpe, segundo Bosco Rollemberg:

Em 67 e 68 vivemos no Brasil e também especialmente aqui em Aracaju, como foi a nossa experiência, um movimento de retomada, Governo secundarista, a universidade, todos nós dispostos a dizer, a dar um basta a ditadura né, dar um basta à violência, à discutir a reforma universitária, a discutir de como deveria ser a universidade federal de Sergipe, a discutir como deveria ser um projeto de desenvolvimento para o Brasil, a denunciar as prisões, as torturas e os assassinatos que aconteciam já na época. E em

¹⁶ BARRETO, Jackson. Depoimento concedido à Comissão Estadual da Verdade de Sergipe- Paulo Barbosa de Araújo em 08 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R9GGEO RHQ8>. Acesso em: 15/09/2022.

¹⁷ BARRETO, Jackson. Depoimento concedido à Comissão Estadual da Verdade de Sergipe- Paulo Barbosa de Araújo em 08 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R9GGEO RHQ8>. Acesso em: 15/09/2022.

¹⁸ Vale lembrar que, naquela época, o jornal Gazeta de Sergipe era dirigido por um filho da oligarquia, o Orlando Dantas, seu pai foi governador do estado de Sergipe. Esse jornal teve suma importância noticiando as prisões arbitrárias.

¹⁹ GAZETA DE SERGIPE. Estudantes debatem realidade brasileira em seminário, hoje, Ano XIII, Nº 3.580- Aracaju, Sexta-feira, 31 de maio de 1968, P. 6.

torno disso, formamos um núcleo de jovens dispostos, alegres, animados e combativos²⁰.

Desse modo, os anos de 1967 e 1968 são caracterizados como uma retomada do movimento estudantil sergipano e nacional. Foi durante esse período que ocorreram uma série de atos e lutas de resistência à ditadura e a favor do direito democrático. Uma geração inteira marcada pela resistência e o desejo da volta da democracia, o que levou ao ano de 1968, se tivéssemos em uma avenida de samba “abriríamos alas” para os estudantes passarem.

4. “Abram alas” deixem os Estudantes passarem: 1968 o ano que cristalizou o imaginário social

O ano de 1968 foi o ano de maior intensidade e protestos dos estudantes contra o regime ditatorial, esse cenário de luta e resistência vinha sendo desenhado desde a instauração da ditadura logo após 1964. Caracterizado como o maior ano de luta e resistência dos estudantes, o movimento estudantil promoveu diversas ações contra o golpe, sendo eleito como aquele que cristalizou o imaginário social.

Como já discutido, a União dos Estudantes (UNE), a partir de 1964 passou a viver na ilegalidade, mas voltou a ter uma grande importância no ano de 1968 com a volta das manifestações nas ruas e principalmente, depois da morte do estudante secundarista Edson Luís, no Rio de Janeiro. Sendo assim, o ano de 1968 foi marcado como um ano de luta e resistência pelos estudantes nacional e local, que promoveram grandes eventos, como a Sexta-feira Sangrenta, de 21 de junho de 1968. Sobre esse episódio, o jornalista Zuenir Ventura (2018) relata: quando não somente os estudantes, mas com forte engajamento da sociedade, eles decidiram atacar a polícia no centro da cidade do Rio de Janeiro e ele testemunhou o que se assemelha a uma insurreição popular, uma sequência de batalhas campais, nunca vista após a instauração do golpe em 1964²¹.

Nessa perspectiva, esse movimento não contou somente com a participação estudantil, mas também com o ativo engajamento das demais classes sociais e outros movimentos, como dos trabalhadores. Desse modo, o Rio de Janeiro foi o palco de sequências de atos e manifestações estudantis contestando a ditadura e resistindo ao autoritarismo e à censura instituída.

²⁰ ROLLEMBERG, Bosco. Depoimento concedido à Comissão Estadual da Verdade de Sergipe - Paulo Barbosa de Araújo em 14 de março de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EwV9mwpIVZM>. Acesso em: 15/09/2022.

²¹ VENTURA, Zuenir. 1968: O ano que não terminou: Edição especial. Objetiva, 2018. p.138.

Os estudantes sergipanos organizaram uma passeata em 2 de abril de 1968, esse ato ocorreu de forma pacífica em homenagem ao estudante e colega assassinado Edson Luís de Lima Souto, em uma manifestação²². O jornal Gazeta de Sergipe apresenta que a passeata em protesto ao assassinato do estudante Edson Luis, saiu sem nenhuma ofensiva, nem cartazes que ofendesse as autoridades²³.

Os estudantes universitários também procuraram o governador para informar que a manifestação teria seu caráter totalmente pacífico. Jaime de Araújo, deputado de Sergipe, também se manifestou em Assembleia no estado de São Paulo, sobre a morte de Edson Luis²⁴. A Secretaria de Educação do Estado de Sergipe aprovou e legitimou a manifestação em homenagem ao estudante. Entretanto, Lourival Batista ameaçou o movimento horas antes de sua realização, afirmando que não toleraria que violasse a moral e os bons costumes da sociedade. Durante a realização do protesto, o governador assistiu da janela do palácio Olímpio Campos, que ocorreu de forma pacífica como prometido pelos estudantes²⁵. Quando ocorreu a posse do reitor Dr. João Cardoso na universidade, diversas autoridades sergipanas discursaram, mas os estudantes ficaram de fora, como abordou a manchete do jornal Gazeta de Sergipe: “Só estudante não falou na instalação da FUFSE”²⁶.

Em 6 de maio de 1968 os estudantes procuram o jornal Gazeta de Sergipe para demonstrar sua insatisfação em relação à FUFSE. Bosco Rolemberg e Francisco Varela foram ao jornal protestar contra a violação de seus direitos representativos pelos quais a classe passa²⁷. Nessa perspectiva, os estudantes eram vistos como uma peça decorativa para as autoridades universitárias.

Quando veio o XXX Congresso Nacional da UNE, ocorrido em 12 de outubro de 1968, mais conhecido como Congresso de Ibiúna, foi outro evento de luta e resistência realizado pelos estudantes, nesse episódio mais de 700 estudantes foram presos (MOTA, 2015, p 19-20). Ele ocorreu no interior de São Paulo, em um sítio na cidade de Ibiúna, local que foi cedido para organização do congresso por Domingos Simões.

²² GAZETA DE SERGIPE. Estudantes farão passeata pelo colega assassinado, Ano XIII, Nº 3522, 31 março e 1 de abril de 1968, p. 1.

²³ GAZETA DE SERGIPE. Passeata sai sem cartazes ofensivos, Ano XIII, Nº 3.933, 2 de abril de 1968, P. 1.

²⁴ GAZETA DE SERGIPE. Assembleia também comenta problema dos estudantes, Ano XIII, Nº 3.933, 2 de abril de 1968, P. 1.

²⁵ GAZETA DE SERGIPE. A secretaria aprova passeata dos estudantes, mas Lourival Batista ameaça, Ano XIII, Nº 3.933, 2 de abril de 1968, P. 1.

²⁶ GAZETA DE SERGIPE. Só estudante não falou na instalação da UFS, Ano XIII, Nº 3.568, 16 de maio de 1968, P. 1.

²⁷ GAZETA DE SERGIPE. Estudantes protestam, Ano XIII, Nº 3.568, 16 de maio de 1968, P. 1.

Segundo a Comissão Estadual da Verdade Paulo Barbosa de Araújo (2021), o Congresso de Ibiúna ocorreu em meio a uma grande tensão política generalizada no país inteiro. Havia uma forte movimentação Libertária da juventude internacional, com adesão da classe trabalhadora na França, que ecoava em todo Brasil, principalmente no contexto da luta dos estudantes por reformas no setor educacional. Esses dois movimentos juntos organizaram uma greve nacional que reuniu quase nove milhões de pessoas, dando uma expressiva visibilidade no mundo inteiro. Nos Estados Unidos, a situação não era muito diferente, os estudantes queriam o fim da guerra do Vietnã. Com todo esse contexto uma das pautas do congresso eram as avaliações do imperialismo estadunidense e a política entreguista nacional.

O principal objetivo desse Congresso de Ibiúna era eleger o próximo presidente da União Nacional dos Estudantes, essa votação estava entre José Dirceu e Jean Marc. Contudo, a grande movimentação de jovens pelo território nacional chamava a atenção do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS), que na manhã de 12 de outubro de 1968, prendeu mais de 700 estudantes. Entre eles, Luís Travassos (UNE), José Dirceu (UEE-SP), Vladimir Palmeira (Ex-presidente da UNE), Jean Marc (Ex-presidente acadêmico de Química da UFRJ) e Franklin Martins (DCE da UFRJ).

Para conseguir arrecadar fundos, os estudantes de grande parte dos estados saíram às ruas para fazer pedágio ou passarem um livro de contribuição, como no caso dos sergipanos (DANTAS, 2014, p.147). Os estudantes universitários da Faculdade de Direito se reuniram na avenida Ivo do Prado, em Aracaju, para cobrar pedágio dos carros que passavam por lá. O principal motivo era a arrecadação de dinheiro para conseguir mandar representantes estudantis para o XXX Congresso dos estudantes²⁸. Outra manifestação em prol de conseguir dinheiro, os estudantes saíram pelas ruas arrecadando recursos²⁹. Segundo Jackson Barreto:

Nós conseguimos fazer finanças clandestinas e novamente o Wellington Mangueira, em nome do partido, me dava a missão de fazer contato com algumas figuras daqui de Aracaju para nos ajudar. Eu me lembro que eu fui falar com o Dom Távora, nosso bispo, que nos deu uma ajuda para a delegação clandestina nossa do partido e eu me lembro que eu fui falar com o doutor Joaquim Ribeiro da fábrica confiança, não é? Enfim, eu não me lembro mais de tantas outras pessoas, mas teve mais³⁰.

²⁸ GAZETA DE SERGIPE. Estudantes fazem pedágio para ir a congresso. Ano XIII, nº 3.676, 06 e 07 de outubro de 1968, P. 1.

²⁹ GAZETA DE SERGIPE. Manifesto estudantil, Ano XIII, nº 3.678, 9 de outubro de 1968, p. 1.

³⁰ BARRETO, Jackson. Depoimento concedido à Comissão Estadual da Verdade de Sergipe- Paulo Barbosa de Araújo em 08 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R9GGEoRHQ8>. Acesso em: 15/09/2022

Com a arrecadação do dinheiro para custear a viagem, Sergipe conseguiu mandar integrantes do movimento estudantil para o Congresso. Conforme Bosco Rollemberg, “Foi o grande banco de dados da repressão policial”, a prisão em massa desses estudantes teria formado o grande banco de dados e também, foi sua primeira experiência de repressão pelos órgãos policiais coletivos. O congresso não aconteceu, visto que ele foi desarticulado e os estudantes foram levados para o presídio Tiradentes (SP). Quando já no presídio Tiradentes os estudantes sergipanos adotaram uma estratégia de defesa, procuraram ficar todos juntos:

Desde que a gente estava ali reunido, aí começa realmente uma fase enorme de sofrimento, primeiro pela humilhação. As pessoas se dirigiam a gente como se fosse uns marginais mesmo, chutes com agressões verbais com isso e aquilo. Mas nós, de Sergipe, conseguimos fazer uma estratégia de ficarmos sempre juntos. Éramos poucos, tínhamos condições de ficar juntos até para um dar confiança ao outro, né?³¹.

Em 13 de dezembro de 1968 foi lançado o Decreto nº 63.800 de 13 de dezembro de 1968, o Ato Institucional nº 5³², com isso grande parte destes estudantes foram julgados e condenados. O ato iniciou-se nos anos de chumbo, como ficou conhecido o período mais repressivo e cruento da Ditadura Civil-militar. Nesse sentido, o movimento estudantil em 1969 tentou se reorganizar, mas com o AI-5 e a repressão exercida pelo governo inviabilizou todas as chances de reorganização. Esse ato vigorou até dezembro de 1978 e só foi revogado em 1979, sob uma intensa pressão da oposição à ditadura³³.

O conceito de resistência utilizado durante esse período é no sentido de que esse termo está sendo usado mais como defensivo do que ofensivo. Desse modo, o movimento estudantil resistiu, se defendeu do autoritarismo e da censura imposta pela ditadura civil-militar, não partindo efetivando muitas ações ofensivas ao regime, mas procurando se defender de suas violações.

O termo resistência tem sido usado tanto nas ciências sociais como na luta política com um sentido inspirado na experiência histórica europeia durante a Segunda Guerra Mundial, englobando todos os momentos de oposição à ocupação nazi-fascista. Ele tende mais no sentido defensivo do que ofensivo, menos a ação que a reação: a ideia de oposição predomina sobre a de revolução. Assim, para usar o termo com propriedade a fim de pensar a

³¹ FIGUEIREDO, Benedito. Depoimento concedido à Comissão Estadual da Verdade de Sergipe- Paulo Barbosa de Araújo em 29 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1FduHFkd888>. Acesso em: 15/09/2022.

³² Decreto nº 63.800 de 13 de dezembro de 1968. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=63800&ano=1968&ato=6e2UzYU1UejRVT1d0>. Acesso em: 13/09/2022.

³³Para mais informações consultar: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>. Acesso em: 28/09/2022.

resistência brasileira, importa mais o significado de combate à ditadura do que o de ofensiva revolucionária (RIDENTI,2004, p.54).

Para Ridenti, o termo resistência teria um caráter maior de reação do que ação, ou seja, a luta dos estudantes nesse período pode ser caracterizada como mais de reação do que de combate à repressão, censura e autoritarismo praticado pela ditadura civil-militar. Não se caracterizaria como um movimento revolucionário ofensivo, visto que, o que importava nesse caso seria a resistência à ditadura, pois era necessário resistir.

5. Colégio Estadual Atheneu Sergipense: Testemunhas e vivências do movimento estudantil

Para tentar compreender as representações do movimento estudantil no Colégio Estadual Atheneu Sergipense, foram realizadas entrevistas com 17 estudantes do 3º ano do ensino médio e algumas questões nortearam essas entrevistas, que buscavam conhecer as representações do ME do passado entre os discentes da escola na atualidade. O roteiro das entrevistas seguiu os seguintes questionamentos: Você conhece a ditadura? O que significa? Como você analisa o movimento estudantil atualmente no Atheneu? Quais são as características que você identifica no movimento estudantil durante a ditadura e o que permaneceu até hoje? Como você enxerga a representação da memória a respeito do movimento estudantil durante a ditadura no Atheneu na atualidade? Assim, a partir dos testemunhos e vivências dos estudantes, no ano de 2022, foi possível entender fragmentos de uma memória consolidada sobre a atuação e participação do movimento estudantil sergipano.

O Colégio Estadual Atheneu Sergipense formou uma geração de estudantes que se preocupavam com os problemas do país. Essa preocupação aumentou de forma expressiva, principalmente, depois da instauração da ditadura civil-militar. Assim, essa instituição tornou-se um dos principais centros de oposição ao regime ditatorial e de resistência em Sergipe (PEREIRA, 1997, P 11).

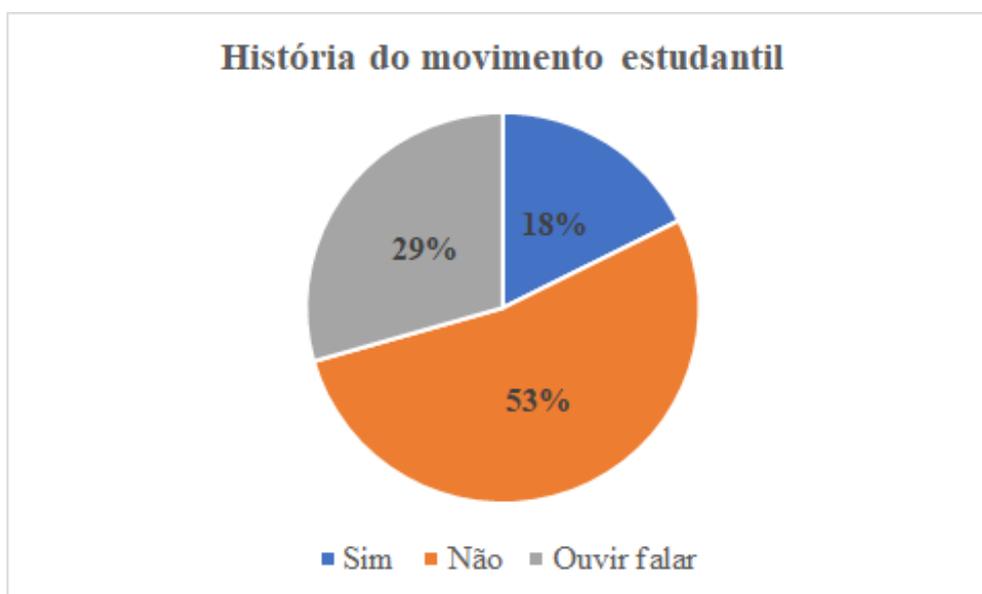
Os estudantes do CES, normalmente se reuniam no Grêmio Cultural Clodomir Silva, seu objetivo era discutir sobre melhores condições. Nessa perspectiva, visavam um melhor ensino médio, criação de bibliotecas, unificação de carteiras escolares, meia entrada para cinema e coletivos. Além disso, havia uma forte campanha contra o analfabetismo (essa campanha contava com o apoio da ala progressista do clero).

Em termos nacionais defendiam as reformas estruturais, educacional, agrária, tributária e bancária (PEREIRA, 1997, P 17). Insatisfeitos com o regime e na luta pelos seus direitos e melhores condições, utilizavam-se de diversas ferramentas para mostrar insatisfação. Desse

modo, organizaram passeatas, foram à jornais, fizeram cartazes e manifestos, esses estudantes defendiam seu slogan “Juventude sem espírito de rebeldia e servidão precoce”. Todas essas características de luta e resistência, e mais que isso, preocupação com amplos setores da sociedade marcaram toda uma geração que se formou no CES (Idem).

Com relação à história do movimento estudantil, pode-se perceber que a memória do movimento não é algo passado para os novos estudantes, pois quando perguntado se eles conheciam alguns personagens que atuaram no movimento ou a história do movimento estudantil do Atheneu, grande parte dos entrevistados responderam que não. Nessa perspectiva, vê-se que ocorre um desaparecimento gradativo da história e memória dos personagens que atuaram no movimento estudantil do colégio³⁴. Observem o gráfico:

Gráfico 1: Memória do movimento estudantil



Fonte: Dados do autor

Como evidenciado no gráfico acima, quando perguntado se os estudantes conheciam a história do ME do colégio ou de Sergipe, 29% responderam que sim, 53% que não e 18% que já havia ouvido falar em alguns militantes que participaram do movimento. O nome mais citado foi o de Jackson Barreto, talvez por ele ter sido Governador do Estado em tempos recentes (2013-2018). Já outros nomes importantes como de Wellington Manguiera, Benedito Figueiredo e Tina Correia, que vivenciaram o ME durante a ditadura, foram esquecidos da memória dos estudantes. Muitos dos estudantes entrevistados em 2022, que não participaram do auge do ME em tempos passados por serem jovens hoje e não terem nem nascido,

³⁴ MÜLLER, Angélica; SIQUEIRA, Carla. Projeto Memória do Movimento Estudantil. Juventude.br, n. 1, p. 9-11, 2006.

desconhecem, parcialmente, o que seja tal fato ou até mesmo, nunca ouviram falar na existência de um ME no colégio. Constatamos que há uma necessidade de implementação de políticas dentro do Atheneu que trabalhe a história desse movimento, orientada a sanar esse apagamento e esquecimento da memória do movimento estudantil.

Os estudantes estão tentando, na atualidade, reconstruir o grêmio estudantil que foi desfeito com o início da pandemia (COVID). Para garantir essa reconstrução, foi eleita uma comissão eleitoral organizadora das eleições dos novos dirigentes, escolhidos como representantes de todos os discentes ligados ao grêmio. Porém, eles encontraram diversas barreiras para sua construção, a principal delas foi a dificuldade de conseguir com que os demais estudantes tivessem interesse em participar. O grêmio ainda é visto como uma organização decorativa por grande maioria dos discentes, quando questionado em entrevista sobre a falta de interesse, uma das respostas dadas foi a de que havia uma ausência de uma campanha de conscientização da importância desse órgão. Existia também uma queixa dos responsáveis pela associação, de que boa parte dos estudantes só estão no colégio para cumprir as etapas curriculares obrigatórias.

A partir das entrevistas foi possível entender de que forma esses discentes compreendem o que foi a ditadura e o que ela significa, tentando responder a esta questão compreende-se que eles analisaram como um período que "retirou o direito de liberdade de expressão, direito de ir e vir e outros direitos que hoje em dia são fulcrais para nossa democracia"³⁵. Segundo um dos estudantes, de 17 anos³⁶.

Ditadura foi um período ruim aqui no país, com tortura, falta de liberdade de imprensa e também prejudicou muito a educação, porque teve aquela questão de que tudo que você estudava tinha que passar pelo governo e o governo decidia o que você estudava ou não. E a gente sabe que a partir do momento em que o governo decide o que você estuda, para de ver muitas coisas que são importantes pra gente ter um pensamento livre³⁷.

Desse modo, o ME, na atualidade, mostra-se como um movimento de jovens com características próprias e singulares e ainda, em momento de reconstrução de sua identidade pós pandemia, mas com muita vontade de lutar por melhores condições e por um país melhor. Esses estudantes encontram diversos canais e meios de comunicação, através da internet, permitindo um amplo e vasto campo de atuação do movimento (MESQUITA, 2003, p.118). Um desses meios são as redes sociais, através dos perfis no Instagram, no qual eles divulgam o Programa de Políticas Públicas (POP) e outras ações desenvolvidas.

³⁵ Entrevista cedida a Ronaldo de Jesus Nunes. 22 de agosto de 2022. Aracaju-SE.

³⁶ Os nomes dos discentes foram omitidos, tendo em vista que grande parte deles são menores e tem por objetivo preservar suas imagens.

³⁷ Entrevista cedida a Ronaldo de Jesus Nunes. 22 de agosto de 2022. Aracaju-SE.

A grande desmobilização do movimento estudantil pode ser vista no discurso dos discentes que não veem o ME como um movimento capaz de quebrar barreiras. Nessa perspectiva, observa-se que ele não garante ao estudante um desenvolvimento pessoal e político, que se inter-relacionam intrinsecamente, e que se articula com o coletivo. Nesse contexto de neoliberalismo, o que de certa forma agrava a situação, visto que a desmobilização do ME em um contexto de política econômica neoliberal torna-se ainda mais problemático, por prezar muito ações individuais e competitivas. Dentro do Colégio Estadual Atheneu Sergipense e a partir dos testemunhos dos jovens discentes, evidencia-se uma ideia de inexistência ou escassez de visibilidade do protagonismo estudantil (MESQUITA, P.7).

5.1. Destaque: Representação Política

Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), foram registrados entre janeiro e abril de 2022, um total de 2.042.81 novos eleitores entre 16-18 anos de idade, houve um aumento expressivo de 47,2% em relação ao ano de 2018³⁸. No Atheneu existe um movimento estudantil, de baixa frequência, mas preocupado com as questões sociais e de políticas públicas, principalmente com a inserção do jovem na política e no mercado de trabalho. Essas novas práticas despertam nos jovens um desejo de socialização política, tornando-os mais sensíveis a serem favoráveis ao movimento, uma vez que as ações do grêmio estudantil devem ser entendidas como práticas complementares.

Existe um movimento voltado para políticas públicas, temos o POP, que ele entrevista candidatos agora para o governo, a gente quer entender o porquê dele está se candidatando, os projetos que ele tem para incluir jovens na sociedade, porque dados mostram que de acordo com a última eleição que teve, hoje os jovens têm tirado mais títulos e vão votar muito mais do que antes, ou seja, a gente quer saber se esse político tem como entregar o jovem na atualidade ³⁹.

Desse modo, percebe-se que há um movimento caracterizado por estratégias e repertórios do referencial dos Novos Movimentos Sociais (NMS), preocupado com o futuro e rumos que o país terá com as eleições do presente, polarizado pelas disputas entre esquerda e extrema-direita, vencendo um representante dos trabalhadores, Luís Inácio Lula da Silva. O Programa de Políticas Públicas (POP) é um projeto idealizado e realizado pelo professor Yuri Norberto,

³⁸ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Maio/tse-comemora-marca-historica-de-jovens-eleitores-nas-eleicoes-2022>.

³⁹ Entrevista cedida a Ronaldo de Jesus Nunes. 16 de agosto de 2022. Aracaju-SE.

da área de Sociologia, que agrega os estudantes da escola, tanto os ligados à esquerda como à direita. O seu objetivo é discutir políticas públicas e falar de uma nova intervenção social, que exige um olhar acurado do cidadão ativo. Segundo Yuri Norberto:

Na prática do EMI⁴⁰ e dentro das suas propostas pedagógicas multidisciplinares, o POP busca ensinar competências essenciais para a convivência em sociedade, apresentando aos estudantes o sistema administrativo brasileiro de forma prática e descomplicada. O objetivo é aproveitar o espaço coletivo da escola para simular os processos democráticos e estimular o protagonismo entre os alunos, mostrando sua importância na participação ativa das decisões em sociedade⁴¹.

Esse projeto foi dividido em 3 fases, chamadas de POP descomplica, POP debate e POP sabatina. Na primeira fase, os estudantes procuram compreender o que são políticas públicas e como avaliá-las; na segunda etapa, os alunos fazem entrevistas aos candidatos, abrangendo temas como saúde e educação e na última, ocorre a sabatina com os 4 principais candidatos ao governo de Sergipe. Para realização dessa sabatina os alunos se dividem em grupos e estudam cada um dos ministérios e propostas do candidato. O objetivo é dar voz ao estudante e procurar entender como as propostas chegam aos jovens, proporcionando assim um debate político qualificado e com uma maior pluralidade.

Há um movimento engajado dentro do Colégio em resolver os problemas estruturais, bem como em representar os estudantes e levar às suas demandas, procurando sempre realizar palestras de conscientização sobre os temas do Feminicídio, Educação sexual, Racismo e luta para melhorar a alimentação escolar, valorizando os jovens que se interessam por política e participam do debate. Em contrapartida, há também uma parcela de alunos desmotivados e pouco interessados em participar, o que acarreta uma crise de representatividade. Conforme o depoimento de uma das estudantes:

Existe um grupo muito engajado e outro grupo que não participa e não tem interesse nisso. Eu não participo ativamente, eu sou muito amiga da galera que faz parte e apoio eles, mas não participo ativamente, mas tem aquela outra galera que nem faz ideia sobre o que é que eles estão lutando e tudo mais. Eu acho que aqui dentro deveria haver mais essa junção, para a escola como um todo ou pelo menos a maioria se juntar mais por essas pautas⁴².

⁴⁰ Instituído pela Portaria nº 971, de 2009, o programa Ensino Médio Inovador (EMI), propõe ações ligadas ao Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), viabilizando fortalecer os Sistemas de Ensino Estaduais e Distrital com propostas inovadoras para o novo ensino médio.

⁴¹ Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/educacao/atheneu-sergipense-promove-projeto-com-enfase-em-politicas-publicas/>.

⁴² Entrevista cedida a Ronaldo de Jesus Nunes. 22 de agosto de 2022. Aracaju-SE.

Os estudantes apontam a crise sanitária como um fator que desmobilizou o movimento, visto que havia um forte movimento estudantil antes, mas com os dois anos de ensino remoto e com a conclusão da turma do 3º ano, que era, normalmente, quem mais representava, acabou que os novos estudantes não se engajaram ainda. Assim, estão na fase de retomada e tentando reconstruir o movimento, buscando trazer novos estudantes para voltar à força política que tinham antes.

O que tinha de engajado antes foi perdido porque as pessoas saíram do colégio, a galera que engaja mais, que está mais presente é a galera do 3º ano. E aí, de acordo que vai saindo e não é passado para os que vão entrando termina que o engajamento de antes não continua do jeito que deveria. Agora que voltamos, estamos tentando refazer de novo, para incentivar que toda aquela força volte ⁴³.

Nessa perspectiva, observa-se que o ME no Atheneu precisa de mais aderência por parte dos estudantes, o movimento estudantil no Atheneu existe, é um movimento que luta com pautas estudantis, pautas necessárias, só que ainda se encontra limitado a um pequeno grupo de estudantes, precisa se expandir mais na conquista de novos discentes da escola, mais pessoas precisam se interessar pelo movimento estudantil. Aqueles que estão na linha de frente do movimento sonha com o dia em que ele tenha uma maior visibilidade dentro da própria instituição e atraia os demais estudantes. Há, assim, um desejo desses discentes de transformar a realidade dos estudantes e o cenário regional e nacional:

A gente vem apenas transformando, mas estamos deixando de transformar. Então que a gente continue transformando, a gente se abra para novos horizontes, que sejamos mutáveis, que você seja aberto, queira ouvir o outro. É isso que a democracia preconiza, para o povo, para todos, que tenham seus direitos civis, de liberdade, que seja uma sociedade melhor para todo mundo⁴⁴.

O movimento de jovens que cristalizou o imaginário social do ano de 1968 ainda permanece vivo, mas com suas particularidades e singularidades. O desejo de transformar o país e a sociedade vem crescendo dentre eles que atuam no Atheneu, pois “é importante que o jovem, aquele que vai formar uma nova sociedade, que ele se politize. Que as massas lutem para isso, que ela entenda o que está fazendo, que não seja apenas uma massa de manobra, que a sociedade veja o jovem”⁴⁵. Desse modo, nota-se o surgimento de um movimento com práticas

⁴³ Entrevista cedida a Ronaldo de Jesus Nunes. 22 de agosto de 2022. Aracaju-SE.

⁴⁴ Entrevista cedida a Ronaldo de Jesus Nunes. 22 de agosto de 2022. Aracaju-SE.

⁴⁵ Entrevista cedida a Ronaldo de Jesus Nunes. 22 de agosto de 2022. Aracaju-SE.

de sociabilidades, ou seja, um grupo organizado para implementação de conteúdos e pautas diferenciadas das clássicas e globais. Preocupados com temáticas e causas de políticas públicas relacionadas às questões de gênero, negro, direito das mulheres, dentre outras, esses temas estão começando a ser debatidos por esse movimento juvenil.

6. Conclusão

Este trabalho analisou o movimento estudantil em contexto e temporalidades diferentes, mas que se inter-relacionam. Investigou as ações e lutas, atuação e participação do ME sergipano durante a ditadura civil-militar e as representações do mesmo no Colégio Estadual Atheneu Sergipense. Há de se destacar a participação e a representação política dos estudantes através do POP, liderado pelo professor Yuri Norberto. Entretanto, é necessário enfatizar a crise de representatividade na atualidade, mesmo em tempos de crises sociais profundas. Existe um movimento que possui uma visibilidade nas mídias sociais, sendo manchete nos jornais estadual e de destaque nacional pelas suas ações desenvolvidas, em contrapartida, a grande maioria dos discentes não participa, nem se interessa pelas lutas do movimento dentro do colégio, o que tornaria um movimento muito mais forte. Esse cenário não é somente uma realidade do Atheneu. Nesse sentido, é preciso ainda estudar as instâncias de representatividade política dentro do movimento estudantil nacional, visando investigar o modelo democrático de representação e participação em outros estados, e assim apontar, a necessidade de estudos sobre as dificuldades de mobilização e organização dos estudantes, para que eles continuem a levar pautas e reivindicações de seus interesses. Nesse campo de estudos sobre o ME no Atheneu apenas foram abertas as alas, que outros estudos possam passar pela avenida.

Referências Bibliográficas:

Fontes:

Depoimentos da Comissão Estadual da Verdade Paulo Barbosa de Araújo. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/ucu9b4mdg2etoquv4_imivmw. Acesso em: 09/09/2022.

Jornal Gazeta de Sergipe:

__ Estudantes debatem realidade brasileira em seminário, hoje, Ano XIII, Nº 3.580- Aracaju, Sexta-feira, 31 de maio de 1968, P. 6.

- __ Estudantes farão passeata pelo colega assassinado, Ano XIII, Nº 3522, 31 março e 1 de abril de 1968, p. 1.
- __ Passeata sai sem cartazes ofensivos, Ano XIII, Nº 3.933, 2 de abril de 1968, P. 1.
- __ Assembleia também comenta problema dos estudantes, Ano XIII, Nº 3.933, 2 de abril de 1968, P. 1.
- __ A secretaria aprova passeata dos estudantes, mas Lourival Batista ameaça, Ano XIII, Nº 3.933, 2 de abril de 1968, P. 1.
- __ Só estudante não falou na instalação da UFS, Ano XIII, Nº 3.568, 16 de maio de 1968, P. 1.
- __ Estudantes protestam, Ano XIII, Nº 3.568, 16 de maio de 1968, P. 1.
- __ Estudantes fazem pedágio para ir a congresso. Ano XIII, nº 3.676, 06 e 07 de outubro de 1968, P. 1.
- __ Manifesto estudantil, Ano XIII, nº 3.678, 9 de outubro de 1968, p. 1.

Jornal A Cruzada:

- __ Solenidade de instalação da FUFSE, marco cultural na vida sergipana. Ano 49, Nº 1545, 18 de maio de 1968, p.1.

Pesquisa de campo realizada com 17 discentes do Colégio Estadual Atheneu Sergipense.

Bibliografia:

- BRAGANÇA, José Lopes. Sergipe por um óculo. Belo Horizonte: Carneiro e Cia, s/d, pp. 90-91.
- BRITO, Antonio Mauricio Freitas. O golpe de 1964, o movimento estudantil na UFBA e a resistência à Ditadura Militar. 2008. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia.
- CARDOSO, Célia Costa. 1964 em Sergipe: política e repressão. In: JANOTTI, Maria de Lourdes et al. (Orgs). Democracia e autoritarismo: estratégias e táticas políticas. São Paulo, Editora Horizonte, 2015.
- CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.
- CRUZ, José de Souza. (2012). Da autonomia à resistência democrática: Movimento estudantil, ensino superior e a sociedade em Sergipe, 1950-1985. Tese (doutorado), PPGH, UFBA.
- DANTAS, José Ibarê Costa. A tutela militar em Sergipe, 1964/1984: partidos e eleições num estado autoritário. 2. ed. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.
- ENGELS, F. Prefácio de Engels para a terceira edição alemã. In: MARX, K. O dezoito brumário e cartas a Kugelmann. 6. ed. [Trad. de Leandro Konder e Renato Guimarães]. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FERRARO, Karina Perin; DAL RI, Neusa Maria. Movimento estudantil e a democratização da universidade. Anais do 6o Seminário Internacional Teoria Política do Socialismo, 2014. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2014/viseminariointernacionalteoriapoliticadosocialismo/movimento_karina.pdf. Acesso em: 20/ 09/2022.

FICO, Carlos; ARAÚJO, Maria Paula (org.) 1968: 40 anos depois: História e Memória. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

FORACCHI, M. M. (1977). O estudante e a transformação da sociedade brasileira. São Paulo: Editora Nacional.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. *Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]*, 66 | 2003, publicado a 01 de outubro 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1151>. Acesso em: 24/09/2022.

MARTINS FILHO, João Roberto. “O movimento estudantil na conjuntura do golpe”. In: TOLEDO, Caio Navarro de Toledo (org.). 1964: visões críticas do golpe. Democracia e reformas no populismo. Campinas-SP, Editora da UNICAMP, 1997.

MOTA, Maurício Quadros da. A UNE volta à cena: a reorganização do movimento estudantil baiano e processo e reconstrução da UNE (1969-1979). 2013.

MÜLLER, Angélica; SIQUEIRA, Carla. Projeto Memória do Movimento Estudantil. **Juventude. br**, n. 1, p. 9-11, 2006.

PEREIRA, Carla Cristina Alves. “A luta por um mundo mais justo...” atuação do movimento estudantil do Colégio Estadual de Sergipe, CES, no período de 1964-1968. 1997.

REIS, Daniel Aarão. O ano mágico. In: REIS, Daniel Aarão & MORAES, Pedro de. 1968: A paixão de uma utopia. 3a ed. rev. E atual, RJ, Editora FGV, 2008.

ROJAS, C.A. Immanuel Wallerstein: Crítica del Sistema-Mundo Capitalista, Ediciones Era: México, DF, 2003.

RIDENTI, Marcelo. Resistência e mistificação da resistência armada contra a ditadura: armadilhas para os pesquisadores. In: REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo & MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs). O golpe e a ditadura militar. 40 anos depois (1964-2004). Bauru-SP, EDUSC, 2004.

VENTURA, Zuenir. 1968: O ano que não terminou: Edição especial. Objetiva, 2018.

VERDADE, COMISSÃO ESTADUAL. PAULO BARBOSA DE ARAÚJO. 2021. Disponível em:

https://issuu.com/comissaodaverdadedesergipe/docs/relatorio_final_comissao_estadual_da_verdade_paulo. Acesso em: 11/09/2022.